

O CONHECIMENTO TRÁGICO DA PSICANÁLISE (Psychoanalysis tragic knowledge)

Valéria Ghisi

Psicanalista, Doutoranda em Psicologia UFSC

RESUMO: Quando o otimismo teórico do século XIX dá lugar à crise da razão no século XX surge a Psicanálise, uma ciência sobre o psiquismo que foi construída a partir de bases outras que não a racionalidade e a consciência uma vez que seus fundamentos são, justamente, o inconsciente e as pulsões. Tal fato aproxima as teorias de Freud às de Nietzsche e permite considerar a Psicanálise como uma ciência que opera a partir de uma ética trágica na qual se encontra implicada a aceitação do conflito inevitável à vida.

PALAVRAS CHAVE: Nietzsche, Freud, crítica da razão.

ABSTRACT: When the theoretical optimism of the nineteenth century gives space to the crisis of reason in the twentieth century emerges the Psychoanalysis, a science about the psyche that has been built from bases other than the rationality and the consciousness once it's fundamentals are the unconscious and the instincts. This fact approaches the theories of Freud and Nietzsche and allows us to consider the psychoanalysis as a science that operates from a tragic ethics that is involved on the acceptance of the inevitable conflict to life.

KEY WORDS: Nietzsche, Freud, criticism of reason.

Nietzsche e Freud são autores muitas vezes considerados, além de polêmicos, subversivos e, de fato, existem motivos para tanto. Críticos de um tempo que se caracteriza pelo otimismo teórico, constroem teorias que apontam os limites da razão e do conhecimento e, ao mesmo tempo, dão voz aos conteúdos inconscientes e pulsionais fundamentais do homem. Tal mudança de paradigma implica igualmente em uma transformação na compreensão do ser humano bem como da ética.

O homem apresentado por Nietzsche e por Freud pode ser considerado a partir da perspectiva trágica e assim compreendido como artífice de si e do mundo que o cerca, a despeito de ser habitado por forças desconhecidas. Este homem, concebido não como unidade e harmonia, mas como pluralidade e conflito, bem como a ética decorrente de tal situação, será tematizado neste artigo, a partir de um confronto proposital entre as teorias nietzscheanas e freudianas.

Nietzsche em seu primeiro livro, *O nascimento da tragédia* (1872), apresenta sua interpretação para o surgimento e declínio da arte trágica grega. Interpretação extemporânea e pouco convencional, a partir da qual foi gerada uma considerável polêmica.¹ Em sua última obra, *Ecce Homo* (1889) parecendo prever a proximidade de seu colapso, Nietzsche reavalia seus escritos e, sobre *O nascimento da tragédia*, afirma ter sido este um livro incompreendido por seus leitores, que não puderam perceber o que nele havia de valioso. Três são as inovações trazidas por tal obra. Em primeiro plano é possível identificar a compreensão do fenômeno dionisíaco como raiz de toda criação artística e sua relação de complementar oposição em relação ao princípio apolíneo. Em seguida é necessário destacar a crítica à tradição filosófica iniciada por Sócrates, quando este, na leitura de Nietzsche, valoriza exclusivamente os aspectos apolíneos referentes à moderação e ao conhecimento de si. Finalmente, a consideração da racionalidade a todo preço como força perigosa, solapadora da vida compõe, juntamente com os dois outros aspectos mencionados, as características que, nesta obra, fazem de Nietzsche um crítico da

modernidade naquilo em que esta valoriza demasiadamente o conhecimento racional em detrimento de outros conhecimentos, principalmente aqueles que se referem às forças inconscientes e irracionais que movem o homem.²

Em *O nascimento da tragédia*, e outros textos contemporâneos³ Nietzsche apresenta, a partir da referência ao deus bárbaro Dionísio, sua crítica à valorização excessiva da razão como forma de conhecimento. Remetendo a cultura moderna às suas origens socráticas, Nietzsche ressalta as bases do otimismo teórico e da fé inabalável na razão e no conhecimento característicos de seu tempo. No fundamento do paradigma moderno de compreensão do homem e do mundo que o cerca encontra-se a exclusiva valorização das características apolíneas e a tentativa de aniquilação daquilo que se refere ao dionisíaco. Por conta disso, a moderação, o conhecimento e a racionalidade, são apresentadas como virtudes em relação à desmesura, o inconsciente e as pulsões. Sócrates é identificado por Nietzsche como o personagem que inicia tal movimento, atribuindo ao pai da filosofia a responsabilidade pela morte da tragédia e a subversão de sua ética, caracterizada pela aceitação incondicional da vida e do conflito a ela inerente.

Segundo Nietzsche, no período trágico grego estabeleceu-se entre as pulsões apolíneas e dionisíacas uma relação bastante diferente da que encontramos na modernidade. Como uma espécie de reconciliação no campo de batalha, sem que haja a necessidade da eliminação de qualquer uma das forças, a tragédia grega apresenta uma relação de oposição e diferença entre as pulsões, mas nunca de exclusão.

A desmesura e a impetuosidade das pulsões dionisíacas, sem representações que possam contê-las, imprimem um caos de agonia e êxtase no qual a destruição é consequência imediata da criação, dadas as incontáveis forças que exigem expressão. Que a existência não passa de um instante, sem qualquer propósito específico ou grande importância, e que a morte se apresenta como o melhor e único destino possível para o homem são os fatos tornados evidentes pela sabedoria dionisíaca expressa por Sileno quando, em resposta ao rei Midas, afirma que o melhor para o homem seria nem ter nascido, mas na impossibilidade disto, o melhor é logo morrer. Tal saber sobre a transitoriedade e a inevitabilidade da morte é insuportável para o homem e, portanto, precisa ser mediado por outra força, de igual potência, capaz de criar ilusões que tornem a existência digna de ser vivida.

Uma ilusão tal como a que a natureza, para atingir os seus propósitos, tão frequentemente emprega. A verdadeira meta é encoberta por uma imagem ilusória: em direção a esta estendemos as mãos e a natureza alcança através daquela seu objetivo. (NIETZSCHE 1872, p.38)

A verdadeira meta da existência é a morte daquilo que se fez vida, mas até que o fim se imponha é possível glorificar a existência através das belas representações apolíneas, ilusões necessárias que permitem certa aparência de estabilidade e ordem em um caos no qual se encontra implicado um permanente devir. Deste modo, a linguagem primitiva e não figurada de Dionísio encontraria, na tragédia grega, sua expressão justamente nas imagens do deus transfigurador Apolo. Através da tragédia é possível apreender o “mundo apolíneo da beleza e seu substrato, a terrível sabedoria de Sileno e percebemos, pela intuição, sua recíproca necessidade.” (*ib.*, p.40) Em tal forma de arte, as pulsões dionisíacas e apolíneas reforçam-se mutuamente e sua ética consiste em uma afirmação total da vida, com todo conflito, sofrimento e morte que ela traz em si. Segundo Nietzsche, a arte trágica grega apresenta a “justificação do mal humano” tanto do mal que ele causa quanto daquele que ele sofre. Mal este que se torna suportável quando se compreende “a necessidade de sacrilégio imposta ao indivíduo que aspira ao titânico” (*ib.*, p.68), explicitada pelos personagens trágicos Édipo e Prometeu. A ambos a sabedoria trouxe consigo tormentos, pois “o melhor e mais excelso do que é dado à humanidade participar, ela o consegue graças a um sacrilégio, e precisa aceitar de novo suas conseqüências”. (*ib.*, p.67)

Na tragédia o conflito entre as pulsões apolíneas e dionisíacas ganha sua justificativa e sua redenção. Nela constantemente nos é repetido que “Tudo o que existe é justo e injusto e em ambos os casos igualmente justificado. Isso é teu mundo! Isso se chama um mundo!” (*ib.*, p.69) Assim, a partir da perspectiva trágica nos deparamos com duas pulsões que se encontram em uma relação bastante particular, na qual o apolíneo domestica e transfigura o dionisíaco, transformando a existência em algo admirável e desejável, pois o puro dionisíaco é caos e destruição.⁴ A lição que Nietzsche ensina em *A visão dionisíaca do mundo* (1870), é sobre a impossibilidade da contemplação do dionisíaco. Entretanto, também é impossível extinguir ou ignorar sua existência. Sendo assim,

se ele não pode ser encoberto completamente como um segredo culpável – o olhar deve ser subtraído por meio do brilhante nascimento onírico do mundo olímpico colocado junto a ele. (NIETZSCHE 1870, p.19)

Considerar a pulsão dionisíaca como um segredo culpável ou um vício a ser combatido é, justamente, o que se faz nos tempos modernos. Tal movimento tem sua origem na morte da tragédia e na ascensão daquilo que Nietzsche denomina como socratismo estético, por meio da proposta de que tudo deve ser inteligível para ser belo. Nietzsche encontra em Sócrates o personagem adequado para representar sua metáfora para aquele que seria futuramente o modo mais valorizado de existência, a saber, o homem teórico. Este seria caracterizado por “aquela inabalável fé de que o pensar, pelo fio condutor da causalidade, atinge até os abismos mais profundos do ser e que o pensar está em condições, não só de conhecê-lo, mas inclusive de corrigi-lo.” (1972, p.93) Otimismo teórico possível apenas àqueles que, ao ignorar a sabedoria dionisíaca, consideram como verdades apenas as ilusões criadas por Apolo a partir, justamente, do fundamento dionisíaco. Desta forma, o conhecimento proveniente apenas da aplicação da lógica racional e consciente, que desconsidera o funcionamento pulsional e o conflito inerente às forças envolvidas, se mostra falho uma vez que ignora a dimensão dionisíaca à qual ele próprio deve a existência.

O paradoxo que se impõe, e se torna mais evidente quanto mais a ciência progride, é o fato de que quanto mais se busca o conhecimento pelos meios racionais mais percebemos seus limites.

A ciência, esporeada por sua vigorosa ilusão corre, indetenível, até os seus limites, nos quais naufraga seu otimismo oculto na essência da lógica. (...) Quando divisa aí, para seu susto, como, nesses limites, a lógica passa a girar em redor de si mesma, e acaba por morder sua própria cauda – então irrompe a nova forma de conhecimento, o conhecimento trágico, que, mesmo para ser apenas suportado, precisa da arte como meio de proteção e remédio. (*ib.*, p 95)

É importante notar que o otimismo teórico nos encaminha para um retorno ao conhecimento trágico, possível somente àqueles que possam abandonar a ilusão otimista de que o conhecimento racional seria a cura de todos os males. Este conhecimento trágico poderia então ser tolerado apenas se mediado pela arte. Entretanto, desde Sócrates, o principal estimulante socialmente validado para que se suporte os sofrimentos do existir é o conhecimento racional.⁵ Os outros são mantidos na clandestinidade e por isso, “qualquer outra existência precisa lutar penosamente para pôr-se à sua altura, como existência permitida e não como existência proposta.” (*ib.*, p 108)

E assim, seja pelo progresso veloz da ciência impulsionada por seus entusiastas, seja pela força das pulsões dionisíacas que insistem em se expressar, o otimismo teórico do século XIX dá lugar à crise da razão no século XX. Neste cenário surge a Psicanálise, uma ciência sobre o psiquismo que foi construída a partir de bases outras que não a racionalidade e a consciência uma vez que seus fundamentos são, justamente, o

inconsciente e as pulsões. Tal fato aproxima as teorias de Freud às de Nietzsche e permite considerar a Psicanálise como uma ciência que opera a partir de uma ética trágica na qual se encontra implicada a aceitação do conflito inevitável à vida. Vida esta que, compreendida como resultado de um embate pulsional, necessariamente termina com a morte, garantindo assim a transitoriedade da existência. Em *A interpretação de sonhos* (1900), obra por muitos considerada como um referencial para o início da Psicanálise, Freud se depara com a insuficiência do conhecimento psicológico para explicar os fenômenos oníricos. Lembremos que, limitada aos aspectos racionais e conscientes do homem a moderna Psicologia, recém afastada de sua matriz filosófica,⁶ não oferece qualquer tipo de auxílio para a compreensão daquilo que Freud observa a partir do relato dos sonhos de seus pacientes.

Não há no momento, nenhum conhecimento psicológico estabelecido a que possamos subordinar aquilo que o exame psicológico dos sonhos nos habilita a inferir como base de sua explicação. Pelo contrário, seremos obrigados a formular diversas novas hipóteses que toquem provisoriamente na estrutura do aparelho psíquico e no jogo de forças que nele atuam.... nem mesmo partindo da mais minuciosa investigação dos sonhos ou de qualquer outra função psíquica tomada isoladamente, é possível chegar a conclusões sobre a construção e os métodos de funcionamento do instrumento anímico, ou pelo menos, prová-las integralmente. (FREUD 1900, p.543)

E assim, a partir dos limites do conhecimento sobre o psiquismo humano até então disponível, Freud cria a Psicanálise ressaltando, já de início, o jogo de forças envolvido nos processos psíquicos e, mais adiante no mesmo texto, a “abundância de cadeias inconscientes de pensamento ativas em nosso psiquismo, todas lutando por encontrar expressão.” (*ib.*, p 555) Facilitar a expressão de tais pensamentos passa a ser então a tarefa do analista e a cura da enfermidade neurótica se dá através da palavra.

Ao tratar o inconsciente como um modo de funcionamento psíquico, Freud acaba por criar atritos com alguns cientistas de sua época. Principalmente aqueles que identificamos como seguidores da tendência socrática por afirmarem a exclusiva valorização dos aspectos conscientes e racionais como formadores do psiquismo humano.

Enquanto a psicologia lidou com esse problema através de uma explicação verbal no sentido de que psíquico significava consciente, e de que falar em processos inconscientes era um contra-senso palpável, qualquer avaliação psicológica das observações feitas pelos médicos sobre os estados psíquicos anormais estava fora de cogitação. Médico e filósofo só podem unir-se quando ambos reconhecerem que a expressão processos psíquicos inconscientes é a expressão apropriada e justificada de um fato solidamente estabelecido. Só resta ao médico encolher os ombros quando lhe asseguram que ‘a consciência é uma característica indispensável do psíquico’, e talvez, se ele ainda sentir respeito suficiente pelos enunciados dos filósofos, ele possa presumir que eles não estavam tratando da mesma coisa ou trabalhando na mesma ciência. (*ib.*, p 636)

Deste modo Freud propõe uma outra ciência, capaz de produzir conhecimento sobre aspectos humanos que até então se encontravam encobertos e destituídos de valor científico, subvertendo de forma radical o paradigma moderno de compreensão do homem e de seu psiquismo. Sobre o inconsciente, Freud irá nos propor ser este a verdadeira realidade psíquica, caracterizada fundamentalmente pelo desconhecimento, apresentando os limites de nossa ação consciente. Contudo este não é mais desconhecido que o mundo que nos cerca. O inconsciente,

em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais. (*ib.*, p 637)

Afirmado um homem que desconhece a si mesmo, Freud inicia seu movimento de ruptura em relação à tendência socrática e cria a Psicanálise, ciência que se afasta radicalmente das tradicionais psicologias da consciência e se aproxima do pensamento nietzscheano enquanto crítica ao primado da razão e da consciência. Ao ultrapassar os limites da vinculação entre consciência e psiquismo Freud reencontra o inconsciente e o conflito decorrente do embate de pulsões opostas, porém complementares. No desenvolvimento da teoria psicanalítica os conceitos referentes ao inconsciente e às pulsões sofrem diversas transformações. O Inconsciente, inicialmente considerado uma parte do aparelho psíquico juntamente com a Consciência e o Pré-consciente, é nos últimos textos freudianos considerado como o modo de funcionamento que prevalece no psiquismo, então composto pela tríade Eu, Isso e Supereu, sendo que apenas parte do Eu opera sob a ação da consciência.

A própria noção de Eu com a qual a Psicanálise trabalha é bastante diferente da tradicional identificação dele à Consciência. Em parte⁷ pertencente à tradicional concepção psicológica de um Eu identificado à consciência e referente ao indivíduo como ente isolado, sob a forma de personalidade, foi inicialmente “conhecido apenas como órgão repressivo e sensor, capaz de erguer estruturas protetoras e formações reativas.” (FREUD 1920, p.62) Um Eu regulador com vistas à autoconservação do indivíduo, uma vez que seus impulsos tinham tal finalidade. No entanto, ao afirmar, no texto *O Eu e o Isso* de 1923, a consciência não como essência do psíquico, mas apenas como uma de suas qualidades, “que pode achar-se presente em acréscimo a outras qualidades, ou estar ausente,” (1923, p.27) Freud se vê diante da necessidade de reposicionar o conceito de Eu. Mantê-lo associado à consciência implicaria nele também ser considerado como uma qualidade que pode tanto estar presente quanto ausente. Freud opta por fazer do Eu uma das partes componentes do aparelho psíquico, com aspectos tanto conscientes quanto inconscientes.

Deparamo-nos com algo no próprio ego que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o reprimido – isto é, que produz efeitos poderosos sem ele próprio ser consciente e que exige um trabalho especial antes de poder ser tornado consciente. Do ponto de vista da prática analítica, a consequência dessa descoberta é que iremos parar em infundáveis obscuridades e dificuldades se nos ativermos a nossas formas habituais de expressão e tentarmos, por exemplo, derivar as neuroses de um conflito entre o consciente e o inconsciente. Teremos de substituir essa antítese por outra, extraída de nossa compreensão interna das condições estruturais da mente – a antítese entre o ego coerente e o reprimido que é expelido dele. (*ib.*, p 31)

Devemos destacar a relação entre esta nova formulação de Eu e o conflito. Até então o Eu, identificado às funções defensivas naquilo em que possibilitaria o estabelecimento de barreiras protetoras contra a invasão dos estímulos, se apresentava como uma possibilidade de solução do conflito interno ao homem. Em *O Eu e o Isso*, encontramos o conflito interno ao Eu, que faz com que sua porção coerente (que funciona de modo consciente e racional segundo o processo secundário) expulse uma parte do próprio Eu considerando-a não participante de sua organização. Tal parte expulsa da organização coerente do Eu seria justamente o aspecto incontrollável e irracional do homem.

Adotando a idéia de Groddeck, que por sua vez segue Nietzsche,⁹ temos a proposição de que o Eu comporta-se essencialmente de modo passivo na vida enquanto “nós somos vividos por forças desconhecidas e incontrolláveis.” (*ib.*, p 37) Tal idéia se encontra bastante integrada às constatações acerca do narcisismo, no qual o Eu é um objeto de nossa libido, podendo ser investido ou desinvestido. Esse investimento seria, contudo, proveniente de forças alheias ao Eu, não reconhecidas por ele como integrantes

de sua organização coerente. Para denominar tais forças expelidas da organização do Eu Freud se propõe a “chamar a outra parte da mente, pela qual essa entidade (ego) se estende e que se comporta como se fosse inconsciente de id.” (*ib.*, p 37)

Desta forma encontramos dois momentos de apresentação do conflito como fundamento do aparelho psíquico. Uma primeira tópica na qual a antítese se dá entre Consciente e Inconsciente, e a segunda tópica trazendo a antítese entre o Eu coerente e o que é expelido dele. Ao considerar o homem como “um id psíquico, desconhecido e inconsciente sobre cuja superfície repousa um ego, desenvolvido a partir do sistema perceptivo” (*ib.*, p 37) a Psicanálise subverte o paradigma moderno de inspiração socrática que compreende o homem como um ser racional capaz de conhecer a si mesmo.

Diz Freud que “o ego é acima de tudo um eu corporal, projeção de uma superfície” (*ib.*, p 39), que por se desenvolver a partir de percepções, tanto internas quanto externas, tem uma constituição secundária em relação ao Isso fundamentalmente desconhecido. Tal constituição secundária mediada pela percepção, portanto sujeita aos seus enganos, se constitui a partir de representações, conscientes e inconscientes, que permitem certa estabilidade em um caos de pulsões inconscientes. Freud supõe ser possível uma vinculação do Isso a representações verbais,¹⁰ que nada mais são que lembranças do que antes havia sido percepção, e que permitiriam certa possibilidade de controle sobre as pulsões.

O papel desempenhado pelas representações verbais se torna perfeitamente claro. Através de sua interposição, os processos internos de pensamento são transformados em percepções. (*ib.*, p 37)

Tornar perceptíveis, os processos internos de pensamento por meio da interposição de representações verbais constitui, desta forma, a principal tarefa da análise. Através da mediação possibilitada pela representação verbal os investimentos pulsionais do Isso poderiam, através de sua conexão a representações verbais, se tornar perceptíveis à consciência e então submetidas à ação do princípio de realidade.

Podemos então compreender o Eu como uma construção apolínea a partir de imagem e palavras.¹¹ A representação do homem para ele mesmo, imaginariamente construída, é reduzida a um intervalo entre incontáveis possibilidades de vícios e virtudes. Lembra Freud que “se retornarmos mais uma vez à nossa escala de valores, teremos de dizer que não é apenas o que é baixo, mas também o que é mais elevado no ego, pode ser inconsciente.” (*ib.*, p 40) Desta forma o conhecimento racional, desde Sócrates considerado capaz de garantir ao homem o caminho do bem, se vê limitado pelo inconsciente e, no discurso psicanalítico, o homem recobra suas trágicas dimensões de ilusão.

Dessa forma, o Eu é apenas uma diferenciação do Isso, contudo sujeito às incansáveis forças deste. No entanto, “se o ego fosse simplesmente a parte do Id modificada pela influência do sistema perceptivo, o representante do mundo real, teríamos um simples estado de coisas com que tratar. Mas há uma outra complicação.” (*ib.*, p 41) Freud identifica uma outra diferenciação no Eu, um Ideal do Eu ou Supereu não vinculado à consciência. Este Supereu seria correspondente ao caráter do Eu, construído a partir das identificações objetais primitivas que moldaram a forma assumida por ele. O caráter de cada ser humano traria sua história de investimentos objetais. Objetos amados (proporcionadores de satisfação) na infância que se tornaram modelos para o Eu, também ansioso por ser amado. Através da identificação ao objeto, o Eu também se torna destino dos investimentos libidinais provenientes do Isso. O fato de o Supereu, responsável pelo caráter humano, ser inconsciente leva Freud a constatar que “o homem normal não apenas é muito mais imoral do que crê, mas também muito mais moral do que sabe”. (*ib.*, p 65)

Assim, no pensamento de Freud, cai por terra a vinculação entre o bem e o conhecimento, tão cara a Sócrates. No entanto ainda encontramos agindo no psiquismo a idéia de um bem a ser alcançado, mesmo que este não se dê totalmente ao conhecimento. O Supereu constitui a forma que o bem assume diante do Eu, contudo, objetos bastante

diferentes podem ser depositários libidinais e modelos de identificação e, portanto, “pode ocorrer uma ruptura no ego, em conseqüência de as diferentes identificações se tornarem separadas umas das outras através de resistências.” (*ib.*, p 43) O Eu não mais é considerado uno e coerente, ele pode se apresentar dividido, em conflito consigo mesmo, em decorrência de uma variedade de bens ideais, muitas vezes antagônicos.

Na tentativa de atingir seu ideal o Eu é capaz dos mais notáveis esforços, pois a tensão entre as exigências do Supereu e os reais desempenhos do Eu é experimentada como sentimento de culpa. Este exerce papel notável nas neuroses, influenciando inclusive nas possibilidades do tratamento analítico uma vez que o próprio sofrimento neurótico frequentemente é a punição necessária (na perspectiva neurótica, bem entendido) pelo fracasso diante das expectativas do Supereu. Define Freud que “o sentimento de culpa baseia-se na tensão existente entre o ego e o ideal do ego, sendo a expressão de uma condenação do ego por sua instância crítica.” (*ib.*, p 63)

Sendo assim temos um Eu que, destituído de seu lugar central no reino psíquico, deve agora serviços a três senhores; o mundo externo, o Isso e o Supereu. Não mais considerado uma instância coerente o Eu apresenta suas fraturas ao observador que não se deixa cegar pela bela luz apolínea e caminha nas trevas. Está feita a revolução, depôs-se o rei que agora é vassalo daqueles que o serviam. O Eu não mais resolve o conflito, ele é a manifestação do conflito uma vez que “ambas as partes na disputa obtém sua cota (...) As duas reações contrárias ao conflito persistem como ponto central de uma divisão do ego.” (FREUD 1938/40a, p.293)

No que se refere às pulsões estas sempre foram vistas como forças em conflito que agem no psiquismo humano independentemente de qualquer racionalidade ou consciência. A divisão inicial entre pulsões sexuais e pulsões do eu teve que ser reconsiderada a partir da introdução do conceito de narcisismo. Uma vez que a pulsão sexual pode tomar o próprio Eu como objeto, a dualidade pulsional se desfaz e a pulsão sexual se encontraria sem sua necessária oposição complementar. Entretanto, em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud apresenta a pulsão de morte como uma força que, em oposição à pulsão de vida, impele o homem ao retorno à sua anterior situação inanimada, evidenciando a transitoriedade da existência e a inevitabilidade da morte de tudo que se tornou vivo. Ao anunciar que “o objetivo de toda vida é a morte” (1020, p.49) Freud resgata a sabedoria dionisíaca de forma que na teoria psicanalítica reencontramos a trágica consideração sobre uma primitiva força que leva à morte, mas que, no entanto, é atravessada por outra força de semelhante potência que prolonga tal jornada mortal.

A morte então se apresenta como inevitável, ainda que possamos nos apegar à vida eroticamente e assim efetuar uma jornada mais longa. A pulsão sexual é, na teoria freudiana, responsável por promover as ligações que possibilitariam desvios no caminho direto para a morte, é ela a verdadeira pulsão de vida que opera contra o propósito da pulsão de morte.

Este fato indica que existe uma oposição entre eles¹² e os outros, oposição que há muito foi reconhecida na teoria das neuroses. É como se a vida do organismo se movimentasse num ritmo vacilante. Certo grupo de instintos se precipita como que para atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível, mas, quando determinada etapa no avanço foi alcançada, o outro grupo atira-se para trás até um certo ponto, a fim de efetuar nova saída e prolongar assim a jornada. (*ib.* p 51)

Chegamos a um estado de coisas bastante semelhante àquele proposto por Nietzsche em *O nascimento da Tragédia*, um primitivo impulso mortal, atravessado por outra força, que faz com que este primeiro impulso possa ser administrado. O homem trágico ressurge então no discurso psicanalítico a partir do reconhecimento das forças em

constante conflito implicadas na existência. A mais primitiva sendo irrepresentável, contudo imprimindo inexoravelmente seu movimento no sentido da morte, da extinção do indivíduo e do retorno deste a um estado anterior de coisa. Entretanto, uma outra força também se faz presente e necessária, esta segunda possibilitando a representação e consequentemente a ordem, o controle e o conhecimento. Desta forma Freud afirma sua “visão preeminente dualística da vida instintual” (*ib.*, p 60) e nos lembra que “somos fortalecidos em nossas reflexões pelos escritos de nossos poetas” (*ib.*, p 55) naquilo em que concebemos a morte como uma lei da natureza, uma necessidade e não um acaso do qual poderíamos ter fugido. Nenhum herói trágico foge de seu destino, retomamos os exemplos de Édipo e Prometeu que inconsciente ou conscientemente realizaram seu destino e pagaram o preço por suas aquisições de vida.

O que prende o homem à vida, segundo a teoria freudiana, é a libido, que, segundo Freud, “coincidiria com o Eros dos poetas e filósofos, o qual mantém unidas todas as coisas vivas.” (*ib.*, p 61) Impulso que permitiria tanto a perpetuação da espécie em uma constante renovação da vida, quanto a vida em sociedade. De qualquer forma que Eros se apresente encontramos um apego à vida, um amor a ela. Assim o homem move-se de modo vacilante, amando objetos que o fazem ir mais lentamente em seu inevitável caminho para a morte. De acordo com Freud (1937),

não se trata de uma antítese entre uma teoria pessimista da vida e outra otimista. Somente pela ação concorrente ou mutuamente oposta dos dois instintos primitivos – Eros e o instinto de morte – e nunca por um ou por outro sozinho, podemos explicar a rica multiplicidade dos fenômenos da vida. (p.259)

Ao apresentar a necessária e complementar oposição pulsional como algo desejável, justamente por imprimir a multiplicidade, a transformação e a transitoriedade, a Psicanálise de Freud se aproxima da filosofia de Nietzsche, operando a desconstrução do modelo socrático de mundo e anunciando o renascimento da tragédia. A partir da consideração da duplicidade pulsional, enquanto incessante jogo de vida e morte no qual se implica um eterno devir, é possível identificar na Psicanálise a ética trágica da aceitação e da afirmação incondicional da vida proposta por Nietzsche. Não se trata da opção por uma teoria pessimista ou otimista, tampouco se trata de eleger a razão ou o inconsciente como emblema. O que encontramos na tragédia, e aqui indicamos ser uma consideração compartilhada por Nietzsche e Freud, é o conflito como algo próprio ao humano. Nem um deus, que tudo conhece e controla, nem um puro objeto de suas pulsões inconscientes; o homem é habitado pelo conflito e na capacidade de representação encontra a possibilidade de traduzir sofrimento em arte. Esta é a aposta de Nietzsche; a tragédia como domesticação do bárbaro dionisíaco. É esta também, segundo nosso entendimento, a aposta freudiana com seu método de cura pela palavra.

Críticos de seu tempo, mas nem por isso fora dele, Nietzsche e Freud operam a necessária ruptura com a tendência socrática na medida em que dão voz aos conteúdos inconscientes e pulsionais fundamentais no homem. A crítica à consciência e à racionalidade como formas humanas privilegiadas imprimem o caráter subversivo e polêmico das obras nietzscheanas e freudianas. Entretanto, a “filosofia a golpes de martelo” de Nietzsche e “a peste” apresentada por Freud não deflagraram apenas efeitos devastadores. Ao contrário, a partir da superação teórica do socratismo, no momento em que o conhecimento racional hiper-estimulado pela modernidade atingiu com ela seus limites, encontramos num trabalho cooperado entre filosofia e ciência o renascimento de princípios próprios à tragédia no mundo contemporâneo.

Em Freud o movimento auto-destrutivo do conhecimento racional, identificado por Nietzsche,¹³ que leva a ciência aos seus limites para que então seja possível a retomada do conhecimento trágico, pode ser acompanhado desde a socrática proposta de eliminação

do sofrimento neurótico em 1900 (conflito entre Consciente e Inconsciente) até a trágica compreensão de um Eu cindido, em 1938.¹⁴ Neste percurso a Consciência, inicialmente a única instância psíquica reconhecida desde o moderno saber psicológico, encontrou sua importância progressivamente diluída, e por que não dizer destituída, no que se refere aos processos psíquicos, vendo-se limitada a uma participação irrelevante se comparada às suas determinações inconscientes.

A superação da Consciência enquanto obstáculo teórico obrigou Freud a ir além do prazer, da razão e, por fim, da expectativa socrática. A morte, enquanto fenômeno inseparável da vida, e a transitoriedade implicada nesse movimento, retomaram a sabedoria de Sileno e a inscreveram no discurso psicanalítico. Este, por sua vez, passou a sustentar a trágica tentativa de civilizar o bárbaro dionisíaco mediante representações apolíneas. Duplicidade fundamental uma vez que o puro dionisíaco implica a perda dos limites individuais, permanecendo o homem apenas criatura, submetido à compulsão à repetição. Repetição que leva o homem ao retorno a um estado anterior à vida individual, mas que pode ser transformada em jogo quando a ela se enlaçam as possibilidades de transformar passividade em atividade. Tal transformação é operada pela linguagem que, em seu contínuo *fort-da*,¹⁵ aproxima e afasta o homem de si e de seus objetos. Por conta disso, Dionísio já não é um bárbaro, mas o fundamento sobre o qual Apolo constrói belas aparências, destinadas a tornar suportável o conhecimento trágico acerca da morte e da transitoriedade sem a necessidade de um decadente pessimismo que negue a vida.

Em um breve texto de 1915, intitulado *Sobre a transitoriedade*, Freud e seus companheiros de caminhada discutem acerca do valor daquilo que é transitório. Um de seus companheiros, o taciturno, se rebela contra o fato e recusa a existência da transitoriedade. O jovem poeta por sua vez sofre de um penoso desalento; a transitoriedade fez com que seus objetos amados perdessem valor por estarem fadados ao desaparecimento. Diante dessas duas opiniões, paradigmas modernos de otimismo e pessimismo, Freud lança mão de uma terceira perspectiva, alternativa à recusa ou ao desalento diante da constatação da transitoriedade.

Não vi como discutir a transitoriedade de todas as coisas, nem pude insistir numa exceção em favor do que é belo e perfeito. Não deixei, porém, de discutir o ponto de vista pessimista do poeta de que a transitoriedade do que é belo implica a perda de seu valor. Pelo contrário, implica um aumento! (p.317)

Encontramos nessa afirmação de Freud indicações de uma aceitação incondicional da vida e da transitoriedade nela implicada sem a opção pelo pessimismo. Ao contrário, a transitoriedade deve, como dito, imprimir um movimento constante de auto-superação naqueles que forem saudáveis o suficiente para permanecer no jogo.

Quando se renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre (enquanto ainda formos jovens e ativos) para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos. (*ib.*, p 319)

Assim, por seu reconhecimento das forças inconscientes e pelo constante recurso à palavra, por seu caráter apolíneo e dionisíaco continuamente tensionado e por sua aceitação incondicional da vida podemos compreender a Psicanálise como retomada da ética trágica. Ética que norteia a ação do psicanalista que não sustenta os recalques destinados a minimizar a tensão do aparelho, mas que faz sua aposta clínica na capacidade de simbolização dos conteúdos recalçados, que sem essa atividade, retornam na forma de sintoma neurótico por não poderem ser suportados sem um trabalho anterior de elaboração. Assim sendo, a principal tarefa da psicanálise seria auxiliar o Eu a civilizar o dionisíaco, não pela repressão de seus conteúdos, mas sim pelo seu reconhecimento,

através da elaboração de um texto constantemente reescrito a partir de uma falta. Assinalando assim um Eu essencialmente dividido, incompleto, mas não necessariamente pessimista, uma vez que desejante. Tragicamente desejante.

Referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. (1900)— IN: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Sobre a transitoriedade*. (1916(15))— IN: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- _____. *Além do Princípio do prazer*. (1920)— IN: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *O ego e o id*. (1923) — IN: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Análise Terminável e Interminável*. (1937) — IN: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- _____. *A divisão do ego no processo de defesa*. (1938/40a) — IN: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- _____. *Esboço de Psicanálise*. (1938/40b) — IN: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisíaca do mundo (1870)* IN: *A visão dionisíaca do mundo e outros textos de juventude*. Tradução.: Marcos S. P. Fernandes e Maria Cristina S. De Souza; Revisão: Marco Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*. (1872) Tradução, notas e prefácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- _____. *A filosofia na idade trágica dos gregos (1873-A)*. Lisboa: Edições 70, 1987
- _____. *Sobre verdade e mentira no sentido extra moral (1873-B)*. IN: *Obras Incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues T. Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores)
- _____. *Acerca da verdade e da mentira (1873-b)*. São Paulo: Rideel, 2005
- _____. *A disputa de Homero*. (1873-C) IN: *Cinco prefácios para cinco livros não escritos /*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000
- _____. *Ecce homo : como alguém se torna o que é*. (1888) Tradução, notas e prefácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Notas

¹ Em *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia* (ROBERTO MACHADO 2005), podem ser encontrados os textos referentes à discussão que se estabeleceu na ocasião da publicação de *O nascimento da Tragédia* (1872).

² Como veremos adiante, esta mesma consideração crítica da modernidade será feita por Freud e permitirá o surgimento da Psicanálise.

³ Ver: *A visão dionisíaca do mundo*.(1870) *A filosofia na época trágica dos gregos*.(1873) *A disputa de Homero*.(1873) *Sobre a verdade e a mentira num sentido extra moral*. (1873)

⁴ Tal é a transformação produzida pelo mundo Homérico, identificada por Nietzsche em *O nascimento da tragédia* e outros textos contemporâneos, na qual Titãs de força desmedida dão lugar a esplendidos deuses olímpicos. Deuses que, pela própria existência gloriosa, dignificam a vida.

⁵ Atualmente contamos com psicofármacos, cada vez mais potentes, para a mesma finalidade.

⁶ Muitas vezes se encontra a consideração de que Aristóteles seria o pai da Psicologia o que por si só indicaria a preferência pela investigação empírica fundamentada pelo uso da lógica, assim como a consideração do conhecimento como um bem superior a ser conquistado e da racionalidade como essência do homem. Entretanto, é nos últimos anos do século XIX que a Psicologia se torna uma ciência autônoma, ou seja, caracterizada pela aplicação dos ‘modernos métodos científicos’ ao estudo dos processos mentais, (ver Fechner, *Elementos de Psicofísica*) é importante ressaltar que os processos mentais envolviam as relações entre os estímulos físicos e a sensação. Aproximadamente 20 anos depois Wundt cria o primeiro laboratório de psicologia experimental e, em sua ambição de estabelecer uma identidade para a Psicologia, propõe que o objeto da pesquisa psicológica sejam os processos elementares da consciência (experiência imediata), suas combinações e relações. Como podemos notar a Psicologia se mostra realmente uma ciência moderna, encontra-se fortemente vinculada ao otimismo teórico e à consideração da racionalidade e da consciência como formas humanas privilegiadas, neste contexto Freud e a sua ciência psicanalítica operam uma radical transformação ao propor o psiquismo inconsciente.

⁷ Segundo Laplanche e Pontalis, “*é corrente em psicanálise admitir que a noção de ego só se teria revestido de um sentido estritamente psicanalítico, técnico, após aquilo que se chamou a ‘virada’ de 1920 (...)* É claro que ninguém ignora que Freud falava do ego (*Ich*) desde seus primeiros escritos, mas afirma-se que isso acontecia, geralmente, de forma pouco especificada, pois o termo designava então a personalidade em seu conjunto” (p.125). Devemos notar que em seus primeiros escritos Freud dá pouca atenção ao conceito de Eu, contudo, podemos perceber em textos do período de 1894-1900 que Freud já indica alguns dos temas e problemas com os quais se reencontrará, agora de forma inevitável, após 1920. Em *Estudos sobre a histeria* percebemos um laço bastante estreito entre a consciência e o Eu, mas também encontramos a idéia de que o Eu é mais amplo que a consciência, um território que logo adquirirá características pré-conscientes. Desde os primeiros textos o conceito de Eu se encontra constantemente presente quando Freud aborda o conflito neurótico, uma vez que este é compreendido como o resultado da incompatibilidade de uma determinada representação com o Eu.

⁹ Ver nota da página 37 do texto citado e também a introdução do editor inglês, na página 19 da mesma obra.

¹⁰ Freud continua apostando na sobreposição do processo secundário sobre o primário como forma de diminuição do sofrimento neurótico. Essa relação entre processos primário e secundário foi amplamente discutida no capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos*. Em resumo poderíamos afirmar que, no processo primário, a energia psíquica, escoar-se livremente, passando sem barreiras de uma representação a outra segundo os mecanismos de condensação e deslocamento, permitindo uma forma de pensamento que não se expressa a partir da lógica tradicionalmente aceita (princípios de identidade e não-contradição). No processo secundário encontramos a energia psíquica vinculada a determinadas representações, fato que, por favorecer um investimento mais estável sobre tais representações específicas, possibilita o adiamento do prazer imediato em favor de uma satisfação específica e mediada. Temos como ação correlata à substituição do processo primário pelo secundário a substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade. Contudo, como pudemos perceber nas páginas anteriores, antes que se possa alterar o modo de relação entre as representações se faz necessário que elas existam.

Freud encontra na compulsão a repetição desse momento anterior ao prazer e às representações no qual uma força, a pulsão de morte, impõe ao homem a necessidade de transformar o mundo que o cerca em representações, e desta forma submeter o mundo externo ao seu domínio, como vemos no jogo da criança observada por Freud.

¹¹ Indicamos aqui a perspectiva de leitura lacaniana, que irá propor o estágio do espelho como momento privilegiado da constituição de um Eu enquanto construção Imaginária sustentada pela voz e pelo olhar do outro que anuncia o reconhecimento de um indivíduo possuidor de um nome e uma imagem que lhe são próprios. Ver *Escritos: "O estágio do espelho como formador da função do eu"*.

¹² O pronome ‘eles’ desta citação se refere aos instintos sexuais e, mais adiante, ‘os outros’ são os instintos de morte. A tradução de termo alemão *Trieb*, utilizado por Freud, pela palavra inglesa *Instinct* é um ponto bastante criticado na tradução de Strachey para as obras completas de Freud e que foi ‘importado’ para nossa edição brasileira. No presente artigo é o termo pulsão que traduz *Trieb*. Da mesma forma, optou-se por traduzir os termos freudianos *Ich*, *Es* e *Über-Ich* por Eu, Isso e Superego ao invés dos termos latinos Ego, Id e Superego, jamais utilizados por Freud. Entretanto, nas citações será mantida a tradução de James Strachey, editor inglês de; *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, sobre a qual foi feita a tradução para o português pela editora Imago.

¹³ “... a ciência, esporeada por sua vigorosa ilusão, corre, indetenível, até os seus limites, nos quais naufraga seu otimismo oculto na essência da lógica. Pois a periferia do círculo da ciência possui infinitos pontos e, enquanto não for possível prever de maneira nenhuma como se poderá alguma vez medir completamente o círculo, o homem nobre e dotado, antes mesmo de chegar ao meio de sua existência, tropeça, e de modo inevitável, em tais pontos fronteiros da periferia, onde fixa o olhar no inesclarecível.

Quando divisa aí, para seu susto, como, nesses limites, a lógica passa a girar em redor de si mesma e acaba por morder a própria cauda – então irrompe a nova forma de conhecimento, o conhecimento trágico, que, mesmo para ser apenas suportado, precisa da arte como meio de proteção e remédio.” (NIETZSCHE. 1872, p.95)

¹⁴ Nesta data Freud escreve dois textos que permaneceriam inacabados em decorrência de seu falecimento nos quais é possível notar a superação do otimismo teórico e o conseqüente retorno do conhecimento trágico. *A divisão do eu no processo de defesa* (1938/40) e *Esboço de Psicanálise* (1938/40) indicam que o desenvolvimento das pesquisas psicanalíticas levou Freud a reconhecer, embora a contragosto, o limite para o otimismo teórico, uma vez que jamais temos acesso ao estado real das coisas devido, entre outras, ao caráter falseador da linguagem; elemento tão caro à sua ciência. Entretanto, a superação do otimismo teórico não leva Freud ao abandono de suas teorias, ao contrário, ele afirma que nesta consideração sobre os limites do conhecimento “*reside a verdadeira natureza e limitação de nossa ciência.*” (FREUD. *Esboço de Psicanálise*. pág. 210). Assim Freud faz da Psicanálise uma ciência do paradoxo e sua atividade, tanto em seu aspecto teórico quanto clínico, se situa nas fronteiras entre Consciente e Inconsciente, somático e psíquico, Eu e Isso. Vista desta forma a Psicanálise freudiana quando propõe em seus últimos escritos a cisão do Eu, último remanescente da necessidade da considerar o homem como uma unidade organizada a partir da ação da razão e da lógica, rompe definitivamente com a tendência socrática e opera o retorno do conhecimento trágico.

¹⁵ No segundo capítulo de *Além do princípio de prazer* (1920) Freud apresenta o jogo de uma criança pequena. A brincadeira consistia em atirar longe um carretel, preso por um cordão e puxa-lo de volta. Tal jogo era acompanhado pela pronúncia de dois sons; oooó, identificado como a palavra alemã *fort* (palavra traduzida por ir embora, na edição brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, da Editora Imago) e dá (ali). Freud identifica nessa atividade “a grande realização cultural da criança, a renúncia instintual (isto é, a renúncia à satisfação instintual) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar.” (p.26) Transformação da situação passivamente sofrida em atividade, em jugo lúdico que, ao metaforizar as experiências reais de angústia, torna possível a elaboração do sofrimento e a obtenção de satisfação sublimada (ou ao menos transferida) de pulsões que, de outro modo, não seriam satisfeitas. Uma satisfação parcial que, mediada pelo símbolo, permite a satisfação e, simultaneamente, a limitação pulsional. É importante notar que o autor encerra o segundo capítulo mencionando a equivalência entre o jogo da criança pequena e a “*representação e a imitação artísticas.*” (p.28) Tomando como exemplo a tragédia, Freud ressalta a existência de “*maneiras e meios suficientes para tornar o que é em si mesmo desagradável num tema a ser lembrado e elaborado na mente.*” (p.28) Trata-se do reconhecimento da representação, seja por meio da brincadeira (*Spiel*) das crianças ou da representação teatral (*Schauspiel*), como forma de elaboração e transformação de sofrimento em prazer. Devemos ainda ressaltar que Freud identifica nesse movimento de jogo / brincadeira (*Spiel*) um movimento submetido às influências do princípio de prazer e assim, continuando sua busca às tendências anteriores a ele, termina por encontrar na pulsão de morte a anterioridade ao princípio de prazer. Pulsão de morte que estará presente, ao lado do princípio do prazer nos sonhos, nas brincadeiras infantis e nas neuroses. Sendo assim encontramos, no texto freudiano, a tragédia (enquanto equivalente ao jogo infantil) como ponto aonde se encontram de forma oposta e complementar, vida e morte, prazer e sofrimento, transformação de passividade em atividade mediada pela representação.

Recebido em 10/02/2008

Aprovado em 23/05/2008